



**“La claridad es un deber”: Antonio Candido e o superregionalismo de Guimarães Rosa**

“La claridad es un deber”: Antonio Candido Guimarães Rosa’s universalizing regionalism

Everton Luís Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** À guisa de homenagem pelo centenário de Antonio Candido e o 110º. aniversário de Guimarães Rosa, este artigo, por meio de uma pesquisa bibliográfica busca examinar o romance *Grande sertão: veredas* (1956) baseado na leitura forjada pelo professor e ensaísta Antonio Candido, o qual adentra o complexo e universalizante regionalismo rosiano, demandando compreendê-lo por meio de um método de análise complexo e composto por diversas matrizes teóricas: a saber, o autointitulado *redução estrutural*.

**Palavras-chave:** Antonio Candido; *Grande sertão: veredas*; Guimarães Rosa; redução estrutural.

**Abstract:** As a tribute to the centenary of Antonio Candido and the 110<sup>th</sup> anniversary of the birth of Guimarães Rosa, this article, developed by bibliographic research, examines the novel *Grande sertão: veredas* (1956) based on the reading strategy forged by the professor and essayist Antonio Candido, which investigates and proposes an interpretation of the complex and universalizing regionalism created by Guimarães Rosa through a complex analytical method composed of several theoretical tendencies called *structural reduction*.

**Keywords:** Antonio Candido; *Grande sertão: veredas*; Guimarães Rosa; structural reduction.

## **Introdução**

Colaborador das páginas de periódicos paulistas, como o *Diário de S. Paulo*, Antonio Candido (1918-2017) se debruça, em julho de 1946,<sup>2</sup> sobre os contos de João Guimarães Rosa (1908-1967), compreendendo os seus escritos como uma revolução, tanto no aspecto linguístico como na transposição da matéria telúrica, capacidade de inovação largamente aprofundada no enredo de *Grande sertão: veredas* (1956), romance de teor metafísico capitaneado pelo ambíguo personagem Riobaldo, mescla de jagunço e sertanejo letrado.

---

<sup>1</sup> Everton Luís Teixeira é doutor e mestre em Letras (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor das disciplinas de Literatura Brasileira e Portuguesa da mesma instituição no Campus de Bragança. Atualmente coordena o projeto de pesquisa intitulado “Repercussões ocidentais entre a literatura e a historiografia: Guimarães Rosa e Eric Hobsbawm” no qual pesquisa as relações entre a Literatura, as Ciências Sociais e a História com ênfase na obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa e na produção historiográfica ocidental com destaque para Eric Hobsbawm. Contato: evertonveredas@hotmail.com.

<sup>2</sup> Por uma diferença de um trimestre, Candido não foi pioneiro entre os ensaístas brasileiros da recepção crítica de Guimarães Rosa. Esta honra coube a Álvaro Lins (1912-1970) que apresentou a primeira coletânea rosiana de contos em sua resenha publicada em 12/04/1946, no jornal carioca *Correio da Manhã*.

Já no decênio de 1940, período em que Guimarães Rosa surge definitivamente para a literatura, esta não mais possuía o fôlego para produzir escritores que soubessem apropriar-se do mesmo expediente utilizado pelo autor de *Tutaméia* (1967), isto é, a ruptura com os limites impostos pelo naturalismo e o pitoresco, cujo produto final — como se pode perceber em Simões Lopes Neto (1865-1916), ou mesmo em Mário Palmério (1916-1996) — foi a imersão gradativa de nossas letras no terreno perigoso de dependência estética em relação à recepção simpática dos leitores europeus, ávidos por obras que mostrassem uma terra, um homem e um espaço exóticos, inscritos todos numa batalha socioeconômica violenta pela sobrevivência, ou seja, uma ambiência não encontrada facilmente nas literaturas dos países desenvolvidos do Velho Mundo.

Para este crítico titular do Suplemento Literário do *Diário de São Paulo*, o grande sucesso literário de *Sagarana*, bem como de outras obras de Guimarães Rosa, se deve ao virtuosismo desse escritor que, ao romper com as convenções literárias e sociais do regionalismo, transformou, a seu favor, “todos os fracassos de seus predecessores, noutros fatores de vitória” (CANDIDO, 1991, p. 245), estabelecendo no temário regional uma nova concepção do espaço sertanejo, agora distante do caráter exótico, mágico ou ainda da sua representação documental, o Sertão não aparece mais limitado às fronteiras geográficas do Nordeste brasileiro, mas estende-se às incursões nos conflitos e dramas universais, em outras palavras, o Sertão não é mais Sertão, é — como revela Riobaldo Tatarana — o mundo.

## **1 Guimarães Rosa ou a absoluta liberdade de inventar**

Grande mantenedor da proposta dialética hegeliana — método, ora presente de forma implícita na composição de seus ensaios, ora pontuado claramente em títulos como *Tese e Antítese* (1964) —, Antonio Candido lança aproximações entre a produção literária e as demais áreas do conhecimento, como a História, como os Estudos Sociais — áreas das humanidades que esse ensaísta conhece como poucos — e também com as manifestações literárias de outros países, numa leitura em que a dependência das letras nacionais em relação às europeias não é vista por um ângulo depreciativo para a produção de nossos escritores. De um desses diálogos literários emerge a noção do ensaísta de *superregionalismo*, utilizada no processo de compreensão da obra rosiana, cujo culto daquilo que poderia ser considerado curioso — por não pertencer evidentemente ao cotidiano urbano — pôde prosperar tanto nessa ficção, quanto, simultaneamente, na produção estética de outros autores latino-americanos. Acerca desta renovação no temário regional inscrita no romance rosiano, o crítico assevera que o escritor

fez um livro que supera o regionalismo através do regionalismo. Esse, do ponto de vista da composição literária, a meu ver, é um paradoxo supremo. Tanto assim que eu me senti obrigado a criar uma nova categoria que é o transregionalismo ou surregionalismo. Assim como você fala em surrealismo, você pode falar, no caso de Guimarães Rosa, em surregionalismo. Fenômeno, aliás, que nós verificamos pouco depois ou ao mesmo tempo em outros lugares da América Latina. Nós encontramos, por exemplo, em Gabriel García Márquez, em Juan Rulfo, em Mario Vargas Llosa, em Alcides Arguedas esse enraizamento profundo do

temário regional pitoresco com uma linguagem transfiguradora, moderna e que não tem nada a ver com a linguagem do regionalismo tradicional (CANDIDO, 2011, p. 28).

Ao demonstrar em sua argumentação a superação do regionalismo propriamente dito feito por Guimarães Rosa, Candido já antecipa um dado que irá auxiliá-lo, noutro momento, em sua demanda interpretativa da palavra rosiana, o paradoxo presente na atitude literária do autor se faz também componente essencial no desenvolvimento da narrativa de seu romance telúrico. De paradoxo em paradoxo, o protagonista Riobaldo Tatarana refaz, pela força da memória e pelo prazer de contar, a jornada de sua existência aventureira, narrada a um interlocutor sempre atento, apesar de linguisticamente nunca se mostrar. É contando episódios de sua vida e especulando acerca de ideias sobre os fatos narrados que, Guimarães Rosa, por meio de seu personagem, nos apresenta o seu Sertão mundificado, espaço que pela enorme presença de misturas, constrói dentro de si ambiguidades e contradições que povoam quase a totalidade das mais de quinhentas páginas do livro.

Essa ambiguidade presente no enredo da obra é a força motriz que nutre os conflitos do protagonista Riobaldo e do espaço sertanejo. Como afirma o narrador, agora já velho, no Sertão “tudo é e não é”. Dessa forma, esse ex-chefe jagunço explica vários acontecimentos ocorridos em sua vida frequentemente guiada pelo acaso. Estes fatos, reconstituídos pela memória, ganham importância nova, dada a distância temporal transcorrida, e revelam a riqueza psicológica do personagem. Todo este vigor desse narrador-personagem, todavia, pode passar despercebido, ou mesmo negligenciado aos olhos de leitores menos atentos.

Nesse reino de contradições em que se delineia o Sertão rosiano, as forças régias do universo, o Bem e o Mal, não se estabelecem em lugares fixos, migrando incessantemente e, algumas vezes, de maneira surpreendente, habitando, cada uma, por seu turno, na fronteira oposta à que deveria estar. Como afirma Antonio Candido, no microcosmo mineiro rosiano

as coisas são e não são, o lado negativo e o lado positivo [...] há o lado do bem e o lado do mal, mas isso está tão trançado que a linha central do livro é quase a impossibilidade de distinguir o que é um e o que é o outro, porque se o direito é o lado do bem e o esquerdo é o lado do mal, coisas boas acontecem à esquerda e coisas más acontecem à direita. Há uma divisória teórica no mundo, mas tudo se embaralha de tal maneira que fica difícil determinar como e quando (CANDIDO, 2011, p. 24).

A dualidade tensa de *Grande sertão: veredas* encaminha a personagem, um ex-jagunço letrado, a uma dualidade complexa do sentimento em travessias profundas e imaginárias, em que não há entre os opostos os velhos clichês maniqueístas, ao contrário, há uma confluência e uma situação de equilíbrio tal como propõe, em seu conceito de trágico, o filósofo alemão G. W. F. Hegel (1770-1831).

O Bem e o Mal se originam, desta maneira, no mesmo solo árido e movimentam-se de um lado e de outro, de acordo com o humor daquele mundo “muito misturado” (ROSA, 1956. p. 220.). Analista competente, Candido percebeu essa dança executada pelas forças do cosmos, intitulada de *princípio de reversibilidade*, em cujo estudo

revela que a complexidade cunhada por Guimarães Rosa imita a da própria vida agora transposta para as páginas da ficção.

Para uma eficiente compreensão do método utilizado por esse ensaísta ao longo de décadas de leitura e análise da história e da sociedade brasileiras, construídas pela lente produzida pela literatura nacional e seu vívido confronto com as tradicionais Letras europeias, é importante entender que, tal como a personagem Riobaldo, Antonio Candido bebe, em seu trabalho, de todos os rios teóricos que possam, evidentemente, desembocar numa interpretação que seja satisfatória e esclarecedora da obra literária e que se deixe fluir, sobretudo, da própria composição estrutural do texto, sem com isso desaguar a leitura nas margens dos estudos estruturalistas que vingaram quase até a totalidade dos anos de 1960. Quando Candido trata de estrutura da obra, refere-se à noção de organismo vivo advinda da Antropologia social inglesa que juntamente com a concepção de uma leitura cerrada da obra, aprendida por este professor com o *New Criticism* estadunidense, formam a maior parte de sua metodologia “intermitente em matéria de escrita e flutuante em matéria de leitura” (CANDIDO, 1993, p. 40).

Antonio Candido propõe, incansavelmente, diálogos literários com a história, com os estudos sociais e com a literatura nacional em relação às demais existentes, graças à formulação do método denominado *redução estrutural*, que, segundo o seu autor, consiste num “processo de cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária” (CANDIDO, 2004, p. 9). Em outras palavras, é a afamada migração dialética do elemento real, visto como *externo*, para o plano literário, agora relevante como elemento de construção estética do *interno* na obra ficcional, em outras palavras, este misto de crítico literário e sociólogo conceitua a obra literária como o resultado de si mesma, assim compreende o traço social como a forma, “fator da própria construção artística” (MERQUIOR, 1981, p. 319).

## **2 Um mundo que se esgota na observação**

Uma vez apresentados o momento em que a escrita de Candido encontrou a produção de Guimarães Rosa e a construção do método de análise deste crítico, é chegada a hora de entender o seu exame acerca de *Grande sertão: veredas*. Em “O homem dos avessos”, quinto ensaio enfeixado em *Tese e Antítese* — originalmente publicado na revista *Diálogo*, em 1957 —, esse professor percebe no romance rosiano uma obra de fôlego, na qual a sua escrita levou ao extremo os postulados do movimento modernista da década de 1920, de inovar a arte literária mediante dois processos criativos. O primeiro se dá pela reelaboração da palavra, algo já atingido pela poesia brasileira no decênio de 1930 e, segundo, por uma pesquisa vigorosa da fauna, da flora e do material folclórico para a preparação de sua prosa, atingindo o píncaro de maturidade a que a estética de Mário e Oswald de Andrade havia começado a construir para a literatura nacional.

Esta experiência documentária em Guimarães Rosa conduziu a análise de Antonio Candido a esboçar alguns confrontos com outras obras e linguagens artísticas. Este

menciona, recordando seu exame anterior de *Grande sertão: veredas*<sup>3</sup>, por exemplo, o compositor e pianista húngaro Bela Bartók (1881-1945), devido, talvez, a sua *etnomusicologia*, fruto da imensa dedicação deste ao estudo do folclore camponês de seu país no qual recolheu em anotações uma diversidade de canções de origem popular, com as quais pode se inspirar para compor suas 153 peças para piano. Todavia, a grande comparação proposta neste ensaio é entre Guimarães Rosa e sua narrativa a Euclides da Cunha (1866-1909) e o *Os Sertões* (1902), obra de caráter híbrido, equilibrada entre as fronteiras literárias, científicas e históricas.

De acordo com Candido, a visão naturalista euclidiana empresta os elementos estruturais (e somente esses) também observados em *Grande sertão: veredas*, tais como a *terra*, o homem e o problema (em Rosa, traduzida na luta). Não obstante, tanto no autor de *À margem da História* (1909) quanto no de *Primeiras histórias* (1962), a interpretação da realidade sertaneja de ambos segue por paragens de compreensão deste espaço totalmente distintas. Nas palavras de Antonio Candido

a analogia pára aí; não só porque a atitude euclideana é constatar para explicar, e a de Guimarães Rosa inventar para sugerir, como por que a marcha de Euclides é lógica e sucessiva, enquanto a dele é uma trança constante dos três elementos, refugindo a qualquer naturalismo e levando, não à solução, mas à suspensão que marca a verdadeira obra de arte, e permite a sua ressonância na imaginação e na sensibilidade. Em todo o caso, aqueles elementos são fundamentais na sua trama, embora de modo diverso; convém, pois, abordá-los (englobando o terceiro nos dois anteriores), justamente para ressaltar a diferença e mostrar as leis próprias do universo de Guimarães Rosa, cuja compreensão depende de aceitarmos certos ângulos que escapam aos hábitos realistas, dominantes em nossa ficção (CANDIDO, 1978, p. 123).

Dentre estes hábitos, um parece escapar ao exame de Candido, mas que neste trabalho aproveita-se para salientar que é o tratamento da denúncia das manifestações de barbárie vivenciadas pelos sertanejos pobres, *topos* canonizado como uma descoberta do talento de Euclides da Cunha e, no entanto, já antecipado na literatura brasileira por Afonso Arinos (1868-1916), regionalista tradicional, que, em obras como a coletânea *Pelo sertão* e o romance *Os jagunços*, antecipa os assuntos recorrentes quando se trata do regional: a miséria, o descritivismo naturalista da região e a presença da violência nos bandos armados de jagunços nordestinos.

A começar pelo elemento *terra*, tudo em *Grande sertão: veredas* se pauta pela ambiguidade, originando belezas nos reinos mineral e animal “de um encanto extraordinário” (CANDIDO, 1978, p. 123) — garimpadas pelo narrador juntamente com Diadorim, como o pássaro “manuelzinho da crôa”, símbolo de fidelidade ao se deslocar pela natureza sempre em par — e lugares tenebrosos, como o Liso do Sussuarão, metáfora da grande travessia humana, onde o homem de boa índole precisa unir-se aos poderes malignos para conseguir atravessá-lo. Assim, a riqueza e a exuberância da natureza existem na obra, muitas vezes, para aperfeiçoar o olhar das

---

<sup>3</sup> Neste ensaio, Antonio Candido não revela explicitamente a qual resenha ele se refere, mas em nosso levantamento descobrimos tratar-se de “No *Grande sertão*”, publicado na seção Resenha Bibliográfica do Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, ano I, 6/10/1956. Este texto integra o volume organizado por Vinicius Dantas, intitulado *Textos de intervenção*. (cf. CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 190-192.).

personagens para a beleza que corre num tempo muito particular, necessário para o amadurecimento dos dramas universais que afligem não só o homem nascido nos solos áridos e férteis dos aclives sertanejos e suas veredas, mas também ao indivíduo de qualquer parte do globo.

O *homem*, por seu turno, nascido neste ambiente onde as forças primordiais incessantemente deslizam, se entrega aos determinantes responsáveis pelo seu destino. Dentro de uma leitura apoiada nos pressupostos cunhados por Taine (1828-1893), como a “temperatura moral” e o trinômio meio, momento e raça, tomados como forjadores da miscigenação na cultura latino-americana e na brasileira. Este determinismo de ordem naturalista se caracteriza pois, numa compreensão do indivíduo em aspectos gerais e externos à sua consciência, uma vez que sua vontade (ou *livre arbítrio*) não são responsáveis pela determinação de seu caráter, mas sim por condicionamentos que se fazem por meio de leis naturais, comuns a todos os seres. Estas leis parecem reger a existência do protagonista rosiano e seu amigo Diadorim, este levado pela necessidade de vingar a morte paterna, aquele pela entrega de si ao acaso.

De disfarces ambíguos se travestem algumas das personagens rosianas, com destaque, em *Grande sertão: veredas*, o jagunço de olhos *esmartes* Reinaldo, ou apenas Diadorim para o amigo Riobaldo, ou ainda Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, nome dado na pia batismal de um distante “11 de setembro da era [*sic*] de 1800 e tanto” (ROSA, 1956, p. 591). Sobre a real identidade desta figura recai muito do interesse acerca do romance rosiano, uma vez que a ambiguidade de seu ser a faz movimentar-se incessantemente entre os polos masculino e feminino, sem jamais fixar-se dentro de um deles, exemplificando a afirmação da crítica freudiana, de que os espaços dos gêneros são *locais vazios* e, portanto, passíveis de preenchimento. Diadorim/Reinaldo transita entre esses dois hemisférios trajando com maestria a fantasia mantenedora de sua condição bivalente, o próprio nome. Diadorim, como ressaltou Antonio Candido em “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, é um nome sob a égide da ambiguidade vivenciada pela personagem, “é a mulher-homem”:

cujo nome se forma ele próprio por um deslizamento imperceptível e reversível entre masculino e feminino, justificado pelos hábitos fonéticos do homem rural (que pronuncia: Deodoro ↔ Diadoro ↔ Diadorinho ↔ Diadorim ↔ Diadorinha ↔ (Deodorina) ↔ Diadora ↔ Deodora) (CANDIDO, 1970, p. 147).

Essa donzela-jagunço a movimentar-se entre a rudeza masculina e feroz, inata do bandido social, e a delicadeza própria da mulher para deslindar a beleza própria da Natureza, promove o surgimento de uma espécie de androginia sertaneja, portando em si mesmo(a) o bem da ternura e o signo da barbárie vivenciada entre os bandos de celerados. Como pode notar o leitor mais atento, é o momento de entrarmos no elemento composicional *problema*, ou seja, a luta.

Como na inovadora escrita rosiana tudo é muito fluente, habitando as coisas, simultaneamente, transitando entre o real e o fantasioso, o universo de *Grande sertão: veredas* delimita-se dentro das fronteiras do é-e-do-não-é, numa mistura de

documental e de pura magia da invenção, na qual o protagonista será apresentado ao alto e baixo do mundo, o sublime e o grotesco contidos no cotidiano do sertão brasileiro e o seu eterno convívio com a beleza e a barbárie. Essa trajetória do protagonista, guiada cegamente pelo amor ao amigo Reinaldo, levá-lo-á por uma jornada em busca de vingar a morte à traição de Joca Ramiro — chefe do bando de jagunços e pai de Diadorim, assassinado por Hermógenes, outrora seu homem de confiança.

Num mundo como o da ficção de Guimarães Rosa, extremamente movente, os aliados do passado recente tornam-se os novos inimigos, ocorrendo também o contrário (vide o caso de Zé Bebelo), prova cabal que tal como os personagens, o palco onde os conflitos são encenados é também construído de matéria reversível, brotando do mesmo chão o mal que se metamorfoseia no bem e vice-versa.

A traição e o sentimento de vindita bem podem contribuir para o amargor ou amansamento do homem em sociedade, mas em cada época os interesses de seus indivíduos irão atribuir o significado que lhes for conveniente na defesa de seus ideais. Dentro do banditismo social de uma região como a mostrada no *Grande sertão: veredas*, acostumada com a negligência do Estado de direito, o poder paralelo dos chefes jagunços substitui a autoridade legal, originando-se um Estado de fato em que, pelas mãos dos celerados, as instituições civis e militares são instauradas. Os jagunços fazem as vezes de advogados, promotores, juízes e cobradores de tarifas e pedágios. A vingança do bando de Riobaldo e Diadorim contra os adversários é legitimada por um código de conduta próprio do Sertão que não permite que um homem seja morto pelas costas, sem condições de defender-se em iguais condições a de seu(s) algoz(es).

Diadorim, sempre duplo, encarna, assim, o justiceiro que, ao limpar com sangue a honra familiar, busca reequilibrar as forças trazendo de volta o estado de harmonia inicial, como um instrumento do trágico hegeliano. Mas também o bravo jagunço incorpora o ideal de justiça coletiva, a defesa da honra do indivíduo é dentro, desse tipo de banditismo social, é a conservação de todo o grupo.

Bem e Mal, nesta narrativa, trocam de máscaras a todo instante, mostrando que no mesmo bom solo sertanejo onde nasce um, brota também o outro. Entretanto, como o destino nem sempre mostra o que guarda, a eterna transição dessas forças antagônicas não pode ser determinada nem cristalizada, fazendo com que certa quebra da lógica aconteça. Isso quer dizer, em outras palavras, que o mal — no espaço da ficção de Guimarães Rosa — se transmute no bem e que o contrário ocorra igualmente como atesta a obra ensaística de Antonio Candido.

## **Conclusão**

Se grande parte da crítica brasileira não se encontrava em condições de preparo teórico para receber o estouro das obras de Guimarães Rosa, Antonio Candido, indo em direção contrária, examinou-as com a profundidade e com o talento interpretativo que sempre marcaram a sua trajetória crítica e acadêmica, adentrando o fantástico espaço sertanejo de Riobaldo e Diadorim, sem se perder nos labirintos da revolução linguística do autor e ainda lançando mão de sua leitura dialética muito peculiar,

marcada por inúmeros diálogos teóricos.

Recebendo *Grande sertão: veredas* ainda em 1956, respectivamente, períodos em que estas obras vêm a público, os textos críticos do autor de *Literatura e Sociedade* demonstram, mais uma vez, a força do seu método, *redução estrutural*, para a compreensão da matéria literária e sua sutura direta com os elementos da realidade na construção do plano simbólico da ficção. Em ensaios como “O homem dos avessos”, Antonio Candido aponta o triunfo de Guimarães Rosa sobre as produções do *regionalismo propriamente dito*, devido às suas virtualidades para subverter, a favor de sua escrita, o vocábulo e a região numa atitude de transcendência do local e do documental, mas sem nunca desvalorizar a palavra.

Do diálogo aberto com a obra de Euclides da Cunha, cujos elementos estruturais Guimarães Rosa possivelmente fez uso em *Grande sertão: veredas*, Candido bem soube compreender que toda essa aglutinação de elementos abundantes para a construção do espaço apenas insere o homem numa territorialidade em que prevalece o incessante movimento do indivíduo a se transformar ao sabor das circunstâncias dessa enigmática travessia que é a existência.

## **Bibliografia**

- CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 138-188.
- \_\_\_\_\_. O Homem dos Aessos. In: *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978. p. 119-139.
- \_\_\_\_\_. Os vários mundos de um humanista: Entrevista concedida a Gilberto Velho e Yonne Leite. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 91, p. 29-41, 1993.
- \_\_\_\_\_. No Grande sertão. In: *Textos de intervenção*; seleção, apresentação e notas de Vinicius de Dantas. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2002. p. 190-192.
- \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. 3. ed. Rio de São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004.
- \_\_\_\_\_. In: *Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 17-29.
- MERQUIOR, José Guilherme. O texto como resultado. In: *As ideias e as formas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 321-328.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.